

INTRODUÇÃO

EDIÇÃO ESPECIAL DA BJR:

Jornalismo nos BRICS

Copyright © 2016
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

KAARLE NORDENSTRENG, RAQUEL PAIVA E
FERNANDO OLIVEIRA PAULINO
Editores convidados
SONIA VIRGINIA MOREIRA
Editora

Em março de 1976 o Movimento dos Países Não Alinhados, em seu Simpósio sobre Informação, realizado em Tunis, lançou o conceito da Nova Ordem da Comunicação e Informação (NOMIC) como um programa político que ampliou a luta história contra o colonialismo e o imperialismo envolvendo a esfera da comunicação e da cultura (NORDENSTRENG, 2011). Isto transformou-se em um poderoso argumento nos grandes debates globais sobre a mídia, entre os anos 1970s e 1980s, especialmente ligados à UNESCO, galvanizando tanto os círculos da mídia na indústria quanto na academia, e estabelecendo marcos como o Relatório MacBride e uma nova era de pesquisas sobre a comunicação internacional (MANSELL & NORDENSTRENG, 2006).

Hoje, 40 anos depois, o mundo parece bastante diferente. Após o "colapso do comunismo" em 1990-91, um mundo bipolarizado entre Ocidente e Oriente foi substituído por um mundo multipolarizado com novos poderes, como o terrorismo internacional. E, após a internet e os telefones móveis, as mídias tradicionais enfrentam o desafio das novas formas de comunicação digital e, não menos importante, das mídias sociais. O cenário midiático está se tornando um mix de velhas e novas mídias, o que exige que jornalistas e gestores de veículos de comunicação repensem suas estratégias. Não obstante, apesar das drásticas mudanças tanto no mundo das relações internacionais quanto no mundo da mídia, a velha e fundamental questão permanece, como mostrado no livro *Towards Equity in Global Communication?* (VINCENT & NORDENSTRENG, 2016).

Brasil, Rússia, Índia e China começaram a se estabelecer como o grupo dos BRIC em 2006 e ampliaram envolvendo a África do Sul criando o BRICS em 2010. O site conjunto dos Ministérios das Relações Exteriores dos Estados Membros dos BRICS¹ apresentam-os como “uma manifestação de tendências objetivas de desenvolvimento do sistema político internacional [...] A ideia de estabelecer e manter um mecanismo de diálogo entre países que são grandes centros de crescimento econômico e influência política, que têm interesses globais e significativo potencial de integração entre suas regiões, foi ditada pela própria vida” O anfitrião da última Cúpula dos BRICS, na Rússia, presidente Vladimir Putin afirmou: “O grupo dos BRICS é ainda jovem como organização, mas já provou sua eficácia. Brasil, Rússia, Índia, China, e África do Sul estão coordenando suas políticas em assuntos internacionais chave cada vez mais estreitamente, e estão planejando ser parte ativa na formação de uma ordem global multipolar e no desenvolvimento de modelos modernos para os sistemas financeiros e comerciais globais.” E o site da próxima Cúpula, sediada na Índia² abre com uma citação do primeiro ministro indiano, Narendra Modi: “BRICS atuam como um pilar vital de esperança para este mundo repleto de desafios políticos, desafios relacionados à segurança e desafios econômicos .”

Como resumido na Introdução de *Mapping BRICS Media* (THUSSU & NORDENSTRENG, 2015, pp. 1-3), os países do BRICS juntos reúnem mais de 40% da população mundial e 30% da área de terra do globo. Eles respondem por mais de 20% do Produto Interno Bruto do mundo, que triplicou nos últimos 15 anos, e eles estão de posse de 40% das reservas de divisas globais. Sua mídia está igualmente em expansão, incluindo a mídia impressa tradicional, que no Oeste industrializado está em dramático declínio. O panorama da mídia nos países do BRICS também cresce rapidamente no setor dos novos meios, pois a internet atinge metade ou mais da população do Brasil, Rússia, China e África do Sul (na Índia a penetração da internet é de 20%). Mas, dado o tamanho da população, a China tem de longe o maior número de usuários de internet do mundo (duas vezes mais do que os Estados Unidos). Mas também os outros países do BRICS, exceto a África do Sul, estão entre os dez países que mais usam a internet.

Em uma perspectiva histórica os BRICS representam o mesmo tipo de desafio para a ordem mundial atual que o Movimento dos Países Não Alinhados foi durante a Era da Guerra

Fria. Como a ordem global, especialmente sua arquitetura econômica estabelecida com a liderança americana após a Segunda Guerra Mundial em Bretton Woods, tem sido predominantemente ocidentalizada em sua natureza, os BRICS têm por definição uma orientação anti-americana. No entanto, como apontado por Oliver Stuenkel da Fundação Getulio Vargas-São Paulo: “Os BRICS não buscam a derrubada da ordem global; em vez disso, procuram reformar algumas estruturas existentes ou criar outras complementares.”³ Em qualquer um dos casos, BRICS definem a agenda de pesquisa para que esta faça parte da tendência atual de “des-ocidentalização dos estudos de mídia”.

Foi neste contexto que foi lançado o primeiro projeto de pesquisa internacional, em 2012, para examinar os sistemas midiáticos nos países do BRICS, patrocinado pela Academia da Finlândia e coordenado pela Universidade Finlandesa de Tampere.⁴ Os editores convidados desta edição são participantes deste projeto de pesquisa, que produziu até agora o livro mencionado acima e uma edição especial do **African Journalism Studies** sobre jornalistas nos países dos BRICS.⁵

A chamada para esta edição especial aponta que os países do BRICS possuem similaridades e diferenças, e olhá-los em bases comparativas pode oferecer perspectivas mais promissoras para uma análise crítica do que observá-los separadamente. A chamada sugere que reflexões sobre os BRICS também podem iluminar diferentes maneiras de entender, fazer e pensar sobre o jornalismo nas sociedades contemporâneas.

Os resultados da chamada podem ser avaliados neste edição. O Dossiê traz sete artigos devotados ao Jornalismo praticado nos países do BRICS, a maior parte deste usando-se de perspectivas comparadas, e alguns focando um país específico.

Iniciamos com o artigo de Ramaprasad & Pasti, que apresenta alguns dos resultados da *survey* realizada com jornalistas no contexto do BRICS Project especialmente na forma como avaliam seu local de trabalho (em redações tradicionais ou veículos on-line), se possuem ou não diploma em jornalismo, a idade dos jornalistas e a feminilização da profissão. As respostas procuraram averiguar diferenças a partir do trabalho na mídia tradicional ou na on-line, mas sua importância reside especialmente em comparar as respostas junto a jornalistas dos cinco países envolvidos.

Prosegue-se com o artigo de Aguiar, que também traz uma

perspectiva comparada dos vários países, voltando-se para o estudo das novas agências de notícias nos BRICS. Enfatiza especialmente suas relações com os Estados, com os proprietários de mídia e modelos de negócios adotados, buscando pensar qual o papel desses atores nas estratégias para o desenvolvimento desses países.

Ainda dentro de perspectivas comparadas temos os textos de Chagas e Martinez & Joyce. O primeiro discute a tabloidização e a economia política do jornalismo popular no Brasil, dialogando com autores e contextos da África do Sul e da Índia, pensando não apenas nas similaridades e diferenças entre este processo nos três países, mas especialmente na forma como autores daqueles países têm construído e pensado esta tabloidização e algumas de suas potencialidades. O segundo enfoca a relação Brasil e Índia, em uma abordagem que é pouco utilizada em nos estudos sobre jornalismo. De fato, o artigo trabalha com a construção da *agenda-setting* a partir das narrativas ficcionais, tão importantes nos dois países. A aproximação entre narrativas ficcionais e jornalismo não é nova, e geralmente é feita sob um ponto de vista extremamente crítico, mas as autoras a se utilizam de uma premissa original e contribuem para ampliar o escopo das pesquisas sobre as narrativas e o jornalismo.

O Dossiê finaliza com três textos que se voltam para seus próprios países. O de Bomfim tem seu olhar no Brasil, e observa como o portal Veja constrói a imagem dos BRICS, desde os anos de sua consolidação na imprensa. Na sequência, Gavra & Strovsky, pesquisadores também participantes do BRICS Project, a partir da pesquisa empírica indicam os valores dos jornalistas russos sobre a profissão, traçando um paralelo entre hoje e o passado do Jornalismo no país. Por fim, o texto de Zhao sobre a China abordan a publicação e produção de notícias em redes móveis de comunicação pela análise de três importantes plataformas de difusão de notícias do país: Sina Weibo, WeChat e Tou Tiao. Ela mostra como a centro de produção de notícias nessas plataformas desloca-se das práticas de profissionalização ao uso do algoritmo e da tecnologia.

Como não poderia deixar de ser este é um dossiê bastante diversificado, seja pelos autores, seja pelas temáticas. Ele nos permite vislumbrar complexidade e a importância das pesquisas sobre Jornalismo nestes países.

NOTAS

- 1 <http://infobrics.org/what-is-brics/>
- 2 <http://brics2016.gov.in/>
- 3 <http://www.postwesternworld.com/2015/07/09/the-declaration-analysis/>
- 4 <http://uta.fi/cmt/tutkimus/BRICS.html>
- 5 <http://www.tandfonline.com/toc/recq21/36/3>

REFERÊNCIAS

MANSELL, R.; NORDENSTRENG, K. Great Media and Communication Debates – WSIS and the MacBride Report. **Information Technologies and International Development**, v. 3, n. 4, pp. 15-36, 2006. Disponível em: <<http://itidjournal.org/index.php/itid/article/view/235/105>>. Acessado em 19 Jun. 2016

NORDENSTRENG, K. The New World Information and Communication Order: Testimony of an actor. In: DEPPE, F., MEIXNER, W.; PALLAVER, G. (Eds.), **Widerworte : Philosophie - Politik - Kommunikation. Festschrift für Jörg Becker**. Innsbruck: University of Innsbruck, 2011, pp. 227-237. Disponível em: <<http://urn.fi/urn:nbn:uta-3-832>>. Acessado em 19 Jun. 2016

THUSSU, D.; NORDENSTRENG, K. Introduction: Contextualizing the BRIBS media. In: NORDENSTRENG, K.; THUSSU, D. (Orgs.), **Mapping BRICS Media**. Milton Park, UK: Routledge, 2015, pp. 1-24.

VINCENT, R. & NORDENSTRENG, K. (Orgs.). **Towards Equity in Global Communication?** New York: Hampton Press, 2016.

Kaarle Nordensteng é Professor Emérito da Universidade de Tampere, Finlândia. Ele tem publicado intensivamente sobre comunicação internacional e teoria do jornalismo. Foi presidente da Organização Internacional de Jornalistas (IOJ/OIP) e atualmente é coordenador do projeto de pesquisa Sistemas de Mídia dos Países do BRICS.

Raquel Paiva é Professora Titular da Escola de Comunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisadora do CNPq, autora de mais de dez livros na área da comunicação comunitária. É também jornalista e escritora. Coordena o Laboratório de Comunicação Comunitária (LECC) e o Instituto Nacional de Estudos em Comunicação Comunitária (INPECC).

Fernando Oliveira Paulino é Professor em cursos de pós-graduação e graduação na UnB e Diretor da Faculdade de Comunicação da universidade. É pesquisador do Laboratório de Políticas de Comunicação (LaPCom-UnB) e do Projeto Comunicação Comunitária e Cidadania (CNPq), Diretor de Relações Internacionais da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação, ALAIC (2014-16) e Conselheiro Científico da SBPJor (2015-17).